



RESENHA

Teologia e MPB: um estudo a partir da Teologia da cultura de Paul Tillich
Carlos Eduardo Brandão Calvani

Gloria Teles

Concluindo seus estudos em Ciências da Religião, na Universidade Metodista de São Paulo, o autor da obra citada, apresenta seu trabalho como uma tentativa de compreender teologicamente os subterrâneos espirituais da cultura do Brasil por meio da Música Popular Brasileira (MPB). Segundo Calvani, as relações históricas entre a teologia, a sociologia, a economia, a política ou a filosofia sempre foram valorizadas como nobres, enquanto relacionar estas áreas de conhecimento alguma forma de arte, sempre foi desvalorizado.

Esta obra tem como referencial teórico a teologia da cultura proposta e desenvolvida por Paul Tillich, em diálogo com movimentos estéticos como o Modernismo de 1922 e o Tropicalismo do fim da década de 60.

Considerando o conceito de cultura como intrinsecamente dinâmico e a MPB como “cultura”, o autor consegue nesta obra resgatar “rastros do sagrado” nas literaturas que compõem a MPB. Os elementos religiosos em questão envolvem a luta do povo e sua esperança, suas dores e suas alegrias. A MPB tem composições em forma poética, por isto, pode ser considerada, segundo o autor, uma referência, pois expressa sentimentos, aspirações, sonhos e desejos mais profundos do ser humano, sem embargo do elemento religioso e da busca pelo transcendente.

Calvani expressa a literatura poética da MPB como um diálogo provocador entre os saberes da teologia e dos estudos da Religião. Na literatura poética da MPB podem ser encontrados “rastros do sagrado”, pois o mundo ainda pede sentido e clama por alegria e reencantamento. A vida, realmente, é um mistério. A questão, porém, é saber se as religiões continuam a ter o poder de fazer isso sem criar neuroses e dividir as pessoas por meio de cercas dogmáticas ou imperativos absolutos e pretensamente universais. Ainda que o sejam, em todo caso, a arte também é capaz, à sua maneira, de reencantar o mundo. Os artistas, com seu sacerdócio e dons naturais, são capazes de compreender e revelar a pequenez e fragilidade humana, e nos motivar a enfrentar a transitoriedade e, ao mesmo tempo, a buscar o transcendente.

Dentre muitos compositores da MPB, Calvani seleciona alguns e os aprofunda na reflexão teológica. Nesta resenha enfocaremos apenas três exemplos dos vários apresentados pelo autor: Caetano Veloso, Chico Buarque de Holanda e, Gilberto Gil

Caetano Veloso: em *“Podres poderes”*, fala de experimentação, inovação, adaptação criativa, autonomia estilística, da função política do artista, evidenciada através de protestos e denúncias; em *“Coragem de Ser”* do encontro com a diferença, com o outro (alteridade); em *“Uns”* evidencia o poder religioso libertador, o confronto entre ditadura e o poder religioso, o potencial revolucionário das minorias; o caráter messiânico de um samba libertador e restaurador; valores espirituais próprios do ser humano; *“Uns meus, uns teus, uns ateus, uns filhos de Deus / Uns dizem fim, uns dizem sim...”* Em *“O homem velho”* trabalha os contrastes éticos, emocionais, materiais e espirituais, a diversidade religiosa e a infância na Bahia; os mistério do tempo (cronológico à contemplação), cumplicidade; o caráter sagrado (divindade, comunhão espiritual, súplicas, união eterna), a busca do belo. *“... mas ele dói e brilha / único indivíduo / maravilha sem igual /já tem maturidade de / saber que é imortal”*.

Chico Buarque tem composições que expressam a interioridade dos seres, o desejo de transcender. Faz ainda considerações sobre Deus. Em *“Pedaço de mim”*, constata o vazio e a solidão humana; em *“Vida”*, procura a luz para alcançar a plenitude da vida; em *“Sobre todas as coisas”* reflete a relação entre Deus e as coisas criadas e em *“Geni”*, denuncia a hipocrisia da sociedade no trato de um ser considerado marginal. Na década de 70, Chico Buarque teve muitos problemas com a censura. De três músicas que compunha apenas uma era liberada e, por isso, recorreu a artifícios na linguagem e a pseudônimos. Entre estas encontramos *“Samba de Orly”*, feita no exílio criticando a ditadura, *“Cálice”* retratando o desespero do silêncio imposto e *“Apesar de você”* que, no auge da ditadura, anuncia também um novo tempo.

Gilberto Gil em *“Luz e sua ausência”* se coloca como porta-voz dos excluídos, através de sua poesia; em *“Palco”*, ressalta o caráter simbólico do fogo referindo-se ao juízo e à purificação, espaço semi-sagrado, exorcizante, catártico. Deus é apresentado em sua poesia como dançarino e dinâmico em sua Eternidade, em *“Eterno Deus Mu Dança”*, podemos perceber essa clareza na estrofe: *“Fogo eterno para consumir / o inferno: fora daqui”* ou em *“...Mas se Deus quiser / Tudo, tudo , tudo vai dar pé”*. Em *“Cérebro eletrônico”* apela para a esfera espiritual como espaço de autonomia do indivíduo: *“só eu posso pensar se Deus existe, só eu posso chorar quando estou triste”*.

Para Calvani, no Movimento Tropicália a marca dos artistas foi a escolha pela vida. Porém, para escolher a vida, além de coragem, foi preciso muita paixão e entrega total. É o que fica ressaltado na canção *“Vida”*, de Chico Buarque. Seu refrão é inspirado em Goethe - *“Luz, quero luz!”* – o referido compositor trabalha com a metáfora dos palcos teatrais, onde a superposição de cortinas esconde cenários diferentes, encerrando mistérios a serem revelados ao espectador. A imagem da cortina corresponde à imagem bíblica do véu que preserva o mistério do Santo dos Santos. É nos palcos, atrás das cortinas, que se encontra a luz capaz de preencher de vitalidade o artista e o espectador. Trata-se de um clamor pela remoção do véu (revelação) que esconde a luz. O artista reconhece a necessidade de arriscar-se e entregar-se a essa busca pela luz,

sujeitando-se à instabilidade que ela pode provocar. O contraponto é dado pela segurança oferecida pelas imagens dos barcos que atracam no cais e pelos sinais de alerta dos faróis que servem de orientação. Contudo, a determinação em alcançar plenitude de vida o impele a prosseguir buscando luz, pedindo mais, sempre mais, e aceitando o risco de rumar para o mais longe possível das seguranças do cais.

A escolha de Calvani pela MPB em lugar das artes plásticas, por exemplo, justifica-se pelo fato de que, diferentemente de alguns países europeus, no Brasil a música tem muito mais repercussão. A MPB nos mergulha na teologia da cultura de Paul Tillich pela sua originalidade e ousadia. A cultura recebe uma qualificação religiosa positiva através da MPB. E também a religião, recebe uma nova apresentação.

A religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião.

TILLICH Paul. *Teologia da Cultura*, p. 83.

A linguagem religiosa é comum, mudando de acordo com o poder que expressa, isto é, o Ser e o sentido absolutos. Essa expressão pode ter a forma de narrativa (mitológica, lendária ou histórica) ou da profecia, da poesia e da liturgia. Torna-se santa para os que a recebem como expressão da preocupação suprema, de geração em geração.

TILLICH Paul. *Teologia da Cultura*, p. 88 – 89.

REFERÊNCIAS:

CALVANI, Carlos Eduardo B. *Teologia e MPB: um estudo a partir da Teologia da cultura de Paul Tillich*. São Paulo: Loyola, 1988.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.